

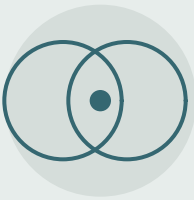
PESSOALIDADE LIMINAR

Continuidade da identidade moral nos cuidados clínicos

O que é a personalidade liminar?

A personalidade liminar descreve situações em que as formas habituais de expressar ou reconhecer a personalidade ficam alteradas, incertas ou diminuídas, mas a identidade moral e relacional da pessoa persiste.

SEIS MENSAGENS-CHAVE



01 A personalidade é mais do que capacidade.

A agência, a cognição, a consciência, a comunicação e a capacidade de decisão podem diminuir devido a doença, lesão ou proximidade da morte. A sua perda não deve ser confundida com a perda da pessoa.



02 A liminaridade implica viver com incerteza.

Os doentes podem existir «entre dois mundos» — já não como eram, mas com uma trajetória incerta rumo à recuperação, a um declínio adicional ou à morte. A personalidade liminar pede-nos que resistamos a conclusões precipitadas sobre quem permanece.



03 Quando os indivíduos não conseguem sustentar sozinhos a sua identidade, outros podem sustentá-la com eles.

A família, os amigos e os cuidadores sustentam a personalidade através do conhecimento da história, dos valores e das relações da pessoa e da sua importância para os outros. A personalidade é profundamente relacional.



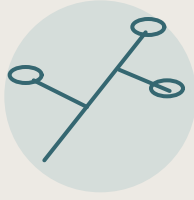
04 Os atos comuns de cuidado tornam-se atos de reconhecimento moral.

Um toque delicado, um posicionamento cuidadoso, a atenção à privacidade, falar com um doente que não responde, velar e tratar o corpo com respeito comunicam: Continua aqui. Continua a importar.



05 O reconhecimento da personalidade protege tanto os clínicos como os doentes.

Quando as pressões institucionais e uma cultura de eficiência levam os clínicos a tratar as pessoas como meros diagnósticos, corpos ou tarefas, a sua integridade moral pode ficar comprometida. Reconhecer a personalidade liminar, mesmo quando é difícil de discernir, pode proteger contra o sofrimento moral, a lesão moral e o burnout.



06 A relação moral com uma pessoa não termina necessariamente com a morte.

Os cuidados post mortem respeitosos e as práticas de luto reconhecem que, embora a vida biológica tenha terminado, o falecido permanece relacionalmente presente e moralmente significativo para quem lhe sobrevive.

A personalidade é contínua nos limites do ser, e a dignidade é o reconhecimento moral dessa continuidade.